

# OS DIAS

Descreve-se aqui a última paisagem  
Que alma dói?

Isto dói: Não foi que  
vi a palma da minha mão?

O rebento deu flor. Sabe-se  
Nasceram filhos às flores pequenas

Era a cor. Não consigo perceber bem onde  
ontem passa para amanhã.

Durmo tranquilo. É um mal activo.  
Descobre sonhos sem sentido.

Embalar é bonito. Foi gravado  
nesta fita que trago na cabeça.

Ninguém me impede de meditar.  
Mas eu quero meditar?

As máquinas fazem barulho. Não será  
que estão a inventar uma música?

Como esta cidade é bucólica na minha imaginação!  
Só vejo chaminés com os meus ouvidos tapados.

O lar é pequeno como convém. Já  
ontem disseram-me isso.

Os montes são formas acrescentadas com cores.  
Os olhos que eu levo são cinzentos.

Doer é mais vulgar para as flores.  
Elas não dizem nada.

Não gostar das abelhas... Não  
poderá ser isto uma alegria?

Vê-se perfeitamente o olho que olha o respeito... Mas  
reparando bem e como é de outro feitio

Os cardos dão uma espécie de algodão que voa.  
Ninguém repara nisso.

As escadas não passam de rampas a poupar espaço.  
Parece que as pessoas pensam com os pés.

Não vai daqui certeza nenhuma. Mas  
o declive endireita muita coisa.

O pé do vegetal a planta tem  
a sua linguagem com a água.

Sendo o coração não devendo confiar-se nele  
confio também sim nos joelhos.

As casa avó engas estão.  
Como é que podia ser de outra maneira?

Muda.

(um adolescente)

Transportei dezanove anos a pedra e não sou  
nenhum Sísifo nem fiz mal  
bom a nenhuma pessoa. Limitei-me  
a olhar. Se querem  
não me importo nada de fazer coisas sem fim. Há  
fim?